



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
 AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
 PODE-ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL
 DE05582008GRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo 6 de Novembro de 2010 • Ano LXVII • N.º 1739 Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
 Director: Padre João Rosa Preço: € 0,33 (IVA incluído) Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
 Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

HOMILIA DO SR. D. ANTÓNIO TAIPA NAS EXÉQUIAS DO NOSSO JÚLIO MENDES

SENHOR JÚLIO: DESCANSE EM PAZ! Padre João

JESUS deixou as multidões. Está a sós com os seus amigos. O momento é particularmente denso. Aproxima-se a hora maior da sua vida. Hora de partir deste mundo para o Pai, a hora da morte, o seu Exodo.

Os discípulos estão perturbados. Naturalmente. Afritos. Vão perder um Amigo. Um Amigo que os encantou e os apaixonou. Por amor de quem deixaram tudo, carregados de esperança num futuro melhor. Vai morrer. Vai deixá-los. Parece o ruir de tantos sonhos que foram acalentando ao longo do seu convívio com Ele.

E depois de tudo, que lhes irá acontecer, a eles?! Quem os defenderá? Ficam sós. Gente simples. Gente pobre. É o medo.

Jesus consola-os. Não vos perturbeis. Eu vou para a casa de meu Pai. A minha casa. E vou preparar-vos também para vós, uma morada. Vamos voltar a estar juntos. Juntos na alegria da presença eterna do Pai.

E mais. Vou partir e vou voltar. Virei ensinar-vos o Caminho da moradia que vos preparo, para vos levar comigo. Não ficareis sós, neste entretanto.

E se fosseis verdadeiramente meus amigos, até estaríeis felizes, ao ver-Me partir ao encontro do Pai.

Jesus prepara a morada e ensina o Caminho. E o Caminho é Ele. É Ele com as suas palavras e com a sua vida. Pela maneira como se aproximou dos homens que queria conquistar para o Pai. Como se aproximou daqueles que encontrou mais sós. Esquecidos. Marginalizados. Dos pobres. De todos quantos sentiam e viviam a necessidade de mais alguma coisa. Insatisfeitos com quanto o mundo lhes podia proporcionar. Abertos ao grande dom de Deus.

Ele é o Caminho. Caminho que se nos abre. A todos. A cada um de nós. Ao encontro do outro. O outro que sofre. Que tem fome ou frio. Que está só. Que não tem quem o ame. Que não sente o calor do colo de ninguém.

Foi neste contexto que partiu para o Pai o Sr. Mendes, o nosso Júlio Mendes. Completou o seu caminho com Jesus para a casa do Pai. Com esse Jesus que ele encontrou, ou que o encontrou a ele, na pessoa do grande Padre Américo. Esse Gigante de amor, de preocupação e de ternura pelos pobres. Aqueles pobres que constituíram a paixão do Mestre.

Jesus que ele encontrou, ou que o encontrou a ele, nos pobres que lhe ocuparam a vida, o pensamento e a acção. Era lindo ler as suas notícias da Conferência de S. Vicente de Paulo. Já tem quem o siga, graças a Deus.

Naqueles que assistia, encontrou-se com o Jesus Crucificado, sofredor, e nele, encontraram, os assistidos, a presença amiga do Jesus Consolador. Foi uma vida em Cristo. E porque em Cristo viveu, com Ele morreu, com Ele ressuscitará.

Jesus foi o seu Caminho. Com ele, Jesus continuou a sua presença viva, aos mais necessitados.

Somos familiares, amigos, companheiros de luta e de trabalho do Sr. Mendes. Ficamos tristes porque vamos deixar de usufruir da sua presença. Mas, porque amigos, também estamos felizes, muito felizes por o termos tido por companheiro no nosso peregrinar, e porque o cremos já na presença do Pai.

Damos graças a Deus por ele, pelas maravilhas que nele realizou, pelos filhos que recebeu como dons de Deus e que continuarão a sua presença junto dos mais necessitados, e por quanto por ele fez no meio de nós.

Que Deus o tenha na sua paz.

Igreja Paroquial de Paço de Sousa,
25 de Outubro de 2010

PENSAMENTO Pai Américo

Que alguém tire do que lhe sobra para dar aos que necessitam é coisa de pouca monta. Mas que um tire à sua boca do que é necessário ao seu alimento, isso é heroísmo. □

O Júlio Mendes terminou a sua carreira neste mundo. Deixou, como testamento, a todos aqueles que tiveram a graça de privar com ele, um grande exemplo de humanidade, de cidadania, de fé em Deus e amor ao próximo. Um grande senhor!

Homem culto e profundo. Sábio conhecedor do pensamento e estilo do Padre Américo. Dele, foi seu confidente, filho querido e fiel cumpridor dos seus desígnios, no candelabro de cuja luz sempre cuidou:



o Jornal O GAIATO. A história e o percurso do Jornal O Gaiato, a fazer-se algum dia, não poderá dispensar o seu nome, o seu estilo, como referência obrigatória. Curvamo-nos diante da sua vida e a sua memória serve-nos de estímulo.

Partiu no dia 24 de Outubro depois de uma longa prova de resistência, no sofrimento. Recordamo-lo, também – enquanto primeiro responsável por fazer sair o Jornal a tempo e horas – como insistia conosco, atento ao atraso ou à necessidade de material no prelo: «*mande já! N’O Gaiato tudo é intemporal...*» Como não esqueceremos aquele outro encontro, derradeiro, quando já prestes a desfalecer, a perder a sua autonomia, de gestos, palavras, e sentimentos, de modo firme e humaníssimo nos segredou: «*olhe que eu sou seu amigo!*»

Registei esta memória e, ontem, ela assomou ao meu espírito na celebração da Missa de Corpo Presente, enquanto escutava as palavras de S. Paulo ao seu amigo Timóteo: «*combati o bom combate, terminei a minha corrida, permaneci fiel. A partir de agora, já me aguarda a merecida coroa, que me entregará, naquele dia, o Senhor, justo juiz e não somente a mim, mas a todos os que anseiam pela sua vinda.*» (2 Tm 4,7).

Caro Júlio Mendes: descanse em paz! Reparta conosco, de junto de Deus, os “louros” dessa Coroa de glória, bem merecida, pela sua discricção e serviço humilde aos outros – lições bem aprendidas e magnificamente assimiladas como bom discípulo que foi sempre do Pai Américo. Também essa lição nos serve de conforto. Descanse em Paz! □

BENGUELA Padre Manuel António

Pedaços da nossa vida

A notícia chegou, ontem de manhã. Era domingo. O nosso Júlio Mendes morreu. Sua alma está, agora, no seio do Pai. Continua, assim, de pé, uma coluna maravilhosa da Casa do Gaiato. Consumiu a sua vida, cá na terra, ao serviço da sua família e da outra grande família que é a Obra da Rua, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Pai Américo viu no Júlio Mendes um braço direito. O jornal O GAIATO tem o seu nome bem gravado, ao longo da sua vida, como Chefe de Redacção. A paixão pelos Pobres, herdada de Pai Américo, ocupou sempre um lugar de privilégio na sua vida. Foi grande animador da Conferência Vicentina de Paço de Sousa.

Ao escrever esta Nota, o meu pensamento voa até à sua casa de família e repousa junto do seu corpo que irá a enterrar ao fim da

tarde deste dia. O postal humano muito lindo do Júlio, com a Emília, sua esposa, e os seus filhos está presente diante dos meus olhos e no meu coração. Neste dia e nesta hora, a sua beleza não é ensombreada. A Luz da eternidade dá-lhe um brilho novo. Assim creio e espero. Estamos em comunhão com todos. Concelebramos com o seu filho Padre Manuel Mendes. Quem dera a vida do Júlio Mendes, doada até ao fim, ao serviço da Obra da Rua, seja semente de novas vocações.

Estou admirado com número grande de crianças que nos batem à porta. Querem um lugar para viver. Eram três. Vinham pela mão duma pobre mulher, ainda nova, sem uma perna. Onde está o pai destes filhos? Desapareceu e ninguém sabe para onde foi. É tremenda a falta de responsabilidade, em tarefa tão essencial para

a vida da sociedade. A situação torna-se tanto mais grave quanto uma acção destas é deixada impune. É uma violação muito grave dos direitos da criança. É um crime a pedir a intervenção das autoridades. Mas, enquanto não houver uma consciência social, muito sensível nesta área, a reacção não acontecerá. Esta situação entra na linha da normalidade, passando para o âmbito das lamentações, sem a resposta do caminho certo, prático. A multidão das crianças em estado de abandono ou semi-abandonadas não pára de crescer.

Os casos extremos que nos aparecem não podem ter resposta adequada, neste momento. Enquanto o grupo dos mais velhos não encontrarem emprego e as condições necessárias para a sua habitação com um mínimo de dignidade humana, o espaço está ocupado. É, neste momento, um problema humano que nos aflige muito. Mas vamos continuar a trabalhar. Quem nos dera ter a ajuda necessária para a criação

Continua na página 3

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

«**COMBATE O BOM COMBATE**» — «*Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé.*» (2 Tm 4,7). Que passagem mais apropriada para as leituras do Domingo em que partiu direitinho para o Céu aquele que durante muitos anos escreveu esta crónica!

Os leitores perdoar-me-ão este escrito de cariz pessoal, ou, talvez, não tão pessoal como isso. Afinal o meu Pai, Júlio Mendes, não é só da sua Família mais chegada. Ele também é vosso e vós também éreis dele. Os leitores que foram acompanhando as suas crónicas ao longo dos anos e contactando com ele por outras formas sabem bem o muito carinho que tinha por todos e a atenção que dava a todas as vossas cartas, coisa em que tenho estado longe de seguir o seu exemplo.

Se mais razões não houvesse, isto já bastaria para o conteúdo desta crónica, mas há uma outra. Os tempos que correm precisam de referências morais como o meu Pai soube ser ao longo de toda a sua vida. Por isso, é um dever cívico que quem o conheceu de muito perto dê testemunho disso. Não é vaidade, coisa que ele nunca procurou e da qual sempre fugiu. É simplesmente dar testemunho do que deve ser o «bom combate» tanto no tempo de S. Paulo, como nos tempos que correm, aqui e agora. Sou dos que acredito que haverá um futuro melhor para este País e para o mundo, mas esse futuro só será melhor se passar pelo «bom combate» pela Verdade e pela Justiça, com total desapego em relação à

riqueza material e às vãs glórias deste mundo.

O meu Pai não soube fazer mais nada neste mundo a não ser isso. Só teve uma “profissão” e só teve um “passatempo”: cuidar do Outro que precisava de ajuda e a quem ele podia ajudar, por muito pouco que fosse. Na infância que passei em Paço de Sousa, lembro-me, como se fosse hoje, que aos Domingos, depois da Missa e do almoço, enquanto outros pais e outras crianças iam ao futebol, ao café e a outros passatempos certamente decentes, o meu Pai levava-me pela mão, por um carreiro que conduzia da nossa casa até um lugar que, naquele tempo, era dos mais pobres da freguesia. Visitávamos as famílias todas que aí eram acompanhadas pela Conferência Vicentina naquela altura. O dinheiro que se distribuía, quando o havia, certamente dava muito jeito a quem o recebia, mas era bem mais do que isso que o meu Pai levava a essas famílias. Levava-lhes uma palavra de conforto na doença. Dava-lhes conta das muitas diligências que tinha feito ao longo da semana para lhes conseguir uma pensão ou outro direito social sacado a ferros de uma Administração Pública que não cuidava dos Pobres e não gostava de quem os ajudava na luta pelos seus direitos. Fazia-lhes o ponto das diligências que tinha feito junto de amigos, de conhecidos e de desconhecidos para ajudar na obtenção de um emprego. Era isto e outras coisas do género que ele levava consigo, resumindo-se tudo numa expressão: muito Amor ao Próximo, especialmente ao mais



necessitado. Passaram-se os anos e muitas dessas famílias conseguiram a sua autonomia. “Deixaram de precisar” do meu Pai e dos que ele trouxe para a vida vicentina. É bom sinal.

No fim dessa volta dominical comprava-me um bombom ou outro mimo que não custasse muito dinheiro. As posses eram poucas.

Na sua dedicação total à Obra da Rua e ao Próximo mais pobre viveu sempre com baixos rendimentos. Não acumulou riqueza material, mas podia tê-lo feito. Podia tê-lo feito por meios perfeitamente legítimos, com a competência e o empenho que colocou sempre em tudo o que fez. Por mais do que uma vez foram-lhe feitas propos-

tas de carreiras profissionais muito aliciantes. Se as tivesse aceite, com essa competência e empenho que punha em tudo o que fazia, teria certamente chegado longe na acumulação de poder e de riqueza material. Deu um não rotundo e sem reservas a todas essas propostas, movido pelo seu amor sem limites ao Pai Américo e pela sua dedicação total à Obra da Rua e a outras formas de serviço ao Próximo, nas Conferências Vicentinas, nos Bombeiros e sei lá em que mais.

Decisões destas não se tomam sem custos e sem ajudas no Céu e na terra. Cá na terra, até ao seu último sopro de vida, teve sempre consigo a dedicação sem limites de uma mulher por quem tinha, ao seu jeito, um profundo e terno Amor e sem a qual tudo isto teria sido, certamente, bem mais difícil. Conta-me a minha Mãe que, desde que se conheceram, a sua forma de namorar também era irem os dois na volta pelos Pobres, aos Domingos e sempre que alguém precisava de ajuda.

O meu Pai combateu o bom combate pela Verdade e pela Justiça, terminou a sua carreira, guardou a fé. Por seu intermédio a mensagem do Evangelho foi proclamada. Por isso, quando a vida se lhe acabou neste mundo, ficou-lhe na face o sorriso sereno e suave dos Justos.

Um Obrigado muito grande a Deus pela Graça imensa e imerecida de ter um Pai assim. Um Obrigado também muito grande aos leitores e a todos quantos lhe querem muito. □

DESCANSA EM PAZ

Carlos Gonçalves

JÚLIO Mendes partiu para definitivamente ficar ao lado de Pai Américo.

O Júlio encarnou integralmente a ideia de Pai Américo quando este lançou a primeira pedra da Obra da Rua — Casa do Gaiato: «*Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.*»

Foi um dos primeiros esteios no nascer desta grande Obra, conhecida mundialmente como sendo exemplo de verdadeira solidariedade.

Tivemos o privilégio de convivermos com o Júlio desde os nossos tenros anos em Miranda do Corvo. De lá partimos os dois para as instalações da Casa do Gaiato em Paço de Sousa. Ele no primeiro grupo de seis, eu no segundo com outros tantos.

É impossível descrever as situações de vida do nosso irmão, desde a sua entrega total à Obra da Rua, à sua Família, aos Pobres da humanidade; o Júlio Mendes jamais poderá ser esquecido.

Obrigado pelos muitos bons exemplos que nos deste e descansa em Paz junto do nosso querido Pai Américo. □

UM ATÉ BREVE

Manuel Pinto

EIS um resumo de longos anos da minha convivência com o Júlio Mendes.

Comecei a conhecê-lo por volta de 1945, aquando da minha ida para o Lar do Porto, para estudar e aprender tipografia, e onde o Júlio já se encontrava a estudar.

De regresso a Paço de Sousa, intensificou-se o nosso conhecimento. Trabalhei vários anos sob a suas ordens, quer como tipógrafo, quer como seu ajudante no escritório da nossa tipografia. Muitas vezes fui ao Porto, visitar clientes e angariar trabalhos. Júlio foi um colega amigo e sempre pronto a ajudar. No tocante desta faceta de auxílio aos Pobres, ele bebeu profundamente os ensinamentos de Pai Américo. Foi o “motor” da Conferência Vicentina e de outras actividades assistenciais.

Com a “partida” do Júlio, tenho em pensamento, também, o Fernando Dias, que há pouco tempo foi para o Pai. Ambos filhos da Obra da Rua, que nos deixaram muita saudade.

Perdoi a singeleza destas linhas, mas mais não quis dizer: «até breve, irmãos». □

MALANJE

Padre Rafael

Só fazemos o que temos a fazer

QUANDO me vi submergido no desespero e sem sentido. Quando não queria olhar o futuro porque me angustiava e queria viver o imediato. Quando me arrancaram tudo o que de bom tinha a palavra amor. Quando tive que engolir todas as lágrimas e mostrar o meu lado escuro. Alguém veio a minha casa e me encontrou escondido num quarto escuro.

Como se me conhecesse em toda a minha vida, abraçou-me e aproveitou para me mostrar todos os meus fracassos, dúvidas, vícios, aflições... Depois jantámos juntos e disse-me: «Há muito para fazer e de nada serve que te escondas, sempre te procurarei». Na manhã seguinte acordei e compreendi que era um de tantos inúteis que só fazia o que queria fazer.

Deparámo-nos com a falta de semente de milho e tivemos que a pedir ao Ministério da Agricultura de Malanje. Disseram-nos para esperar que em breve chegaria, de Luanda, semente para todas as organizações e associações de agricultores. Evidentemente contactavam connosco. Passada uma semana informaram-nos de que a semente não tinha poder germinativo e que a deveríamos procurar por outros modos. Por fim conseguimos encontrar uma associação que no-la vendeu a 0,60 euros o quilo. E eu pergunto-me onde

irão todas as organizações de pequenos agricultores conseguir um pouco de semente de milho.

As primeiras chuvas trouxeram as segundas e começam a saltar pelos ares os telhados de chapa. Muitos apressam-se a terminar as suas casas de adobe, porque em quatro dias se convertem em barro. Nossos tractores com vinte repartições continuam a apoiar, transportando adobes para acabarem de construir as suas casas e algumas capelas nas aldeias. Tudo se atrasa.

Apareceu o Valente e todos esperávamos que trouxesse algum diamante das Lundas. Simplesmente apareceu com um macaco à cabeça que apenas tem um mês de idade. Foi um presente para o pai. Sua intenção é trabalhar alguns meses em Casa para pagar o dote (uma série de artigos que se têm de comprar para a família da noiva antes de viverem juntos). Em resumo, vamos a ver se é capaz de se concentrar e não dispersar muito.

Entramos no mês de Outubro com apenas duas chuvas. É tempo de plantar feijão porque o quilo já está a três euros, repito: a três euros. Cada vez é mais complicado chegar ao fim do mês. Fez-se um pedido encarecido aos chefes para que os rapazes estejam mais concentrados no trabalho e colaborem com duas horas e meia por dia. A verdade é que

não nos podemos queixar, pois no tempo de Pai Américo muitos dos rapazes trabalhavam mais de oito horas por dia.

Chegaram-nos notícias do falecimento do Fernando Dias, em Portugal. Gaiato com maiúsculas que para além de servir a nossa Obra durante toda a sua vida, esteve na fundação da nossa Casa de Malanje. Na Eucaristia de sábado pedimos pelo Fernando e agradecemos ao Pai tudo de bom que ofereceu à nossa Família. Senhor, que levaste o Fernando para junto de Ti, não Te esqueças que são os rapazes os verdadeiros e legítimos continuadores das nossas Casas do Gaiato.

Somos servos inúteis diante de uma Obra que nos supera. Se algo fazemos, o que fazemos é simplesmente o que teríamos de fazer. Padres Mendicantes e amantes do trabalho, vivemos o dia-a-dia para sustentar uma família dos sem-Família. E como em todas as famílias, quando o amor reside nela tudo se compreende, tudo se aceita, não se têm em conta os males... nunca nos sentimos sós. □

**Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Outubro,
48.000 exemplares**

MOÇAMBIQUE

Padre José Maria

Sem Deus nada tem valor

SÁ de casa com o coração oprimido pelo que aconteceu na véspera à tarde em Individuane. Já sabia que cento e cinquenta e três casas tinham sido destruídas e a Escola, Creche, Posto de Saúde e Albergue, Salão de Costura e Artesanato tinham ficado destelhadas.

Até Changalane nada de especial. Nem tinha chovido. Dez quilómetros depois comecei a ver sinais nas bermas da estrada de terra. Passei o rio e nem sinais de água. Já na povoação, vejo as casas derrubadas, as telhas de zinco retorcidas, algumas já recolhidas, mas sem préstimo algum e outras espalhadas pelo terreno. Entrei virado às casas dos professores. Graças a Deus nenhuma apresentava sinais de danos.

Em frente da Escola parei. É a desolação. Não ficou uma só telha a todo o comprimento na empena da frente. Elas eram de fibrocimento e estavam os alunos a apanhar os pequenos bocados em que ficaram e a colocá-los num monte. Nem perguntei o que sentiram quando de repente veio o vendaval, eles em plena aula, as telhas a partirem

por cima da cabeça e os vidros das janelas a estilhaçarem. Foi um susto tremendo, porque não era chuva mas granizo enorme. Muitos ficaram feridos, mas ainda puderam ser atendidos no Posto de Saúde; só um foi trazido pela nossa ambulância para Boane, mas sem gravidade. Passei à Creche e aqui apenas a beirada da frente ficou sem telhado, porque toda ela tem placa aligeirada de vigotas pré-esforçadas e lajota de cimento. Uma cautela que apesar do custo valeu a pena. Mas o mesmo não aconteceu no Albergue para os alunos que só regressam a suas casas no fim-de-semana. Aí quase tudo ficou em migalhas. As poucas telhas que se aproveitam vamos colocá-las já no Posto de Saúde para que continuem a servir. Para aí são precisos vidros, como para a Escola. O Salão de costura, simples cobertura de telha de zinco, para fazer o aproveitamento do armazém das obras, ficou completamente sem nada, nem a madeira se aproveitou.

Passando a frondosa árvore, onde se evocaram os espíritos dos antepassados, aquando da inauguração,

até ramos de mais de vinte centímetros de diâmetro, isto para não exagerar nada, jazem no chão, bem como uma grande acácia espinhosa que foi dilacerada, talvez por um raio, aberta nos seus dois grandes braços.

Na horta que estava cheia de tomate, cebola, feijão verde e outras hortaliças, tudo está destruído. Nada mesmo se aproveita. Aqui se pode ver que foi mesmo o granizo que tudo destruiu. Ainda há charcos de água entre os canteiros.

Dá para pensar. Aos Pobres Senhor, porquê? Apetecia-me deixar que venha o fim-de-semana, para observar a reacção dos que ali passam a caminho das suas fazendas. Mas sei que não vão parar, muito menos ajudar. Assim como admiraram a beleza dos edifícios, são capazes agora de desdenhar da segurança da obra. Pensem o que quiserem, que magoados estamos todos nós que fizemos tudo com tanto amor por quem nada tinha. Deus manda-nos estas provações, para não esquecermos que sem Ele nada tem valor. É assim que aceitamos com empenho reparar o estrago ou não fosse a Obra da Rua a única segurança dos estragados pela sociedade. Sei que quem ajudou a levantar do nada o que até hoje ali se fez vai sofrer como nós. Mas ainda não sabe. □

DOCTRINA

Pai Américo



Sistemas

TEMOS sobre a mesa de trabalho o último relatório de um Orfanato de Setúbal de onde tiramos, para reproduzir aqui, a sua orientação pedagógica:

«A melhor maneira de conhecer o carácter e os instintos de um rapaz, é deixá-lo proceder livremente, sem lhe cercear os movimentos, acções ou desejos.

Só assim, a nosso ver, se pode apreciar com verdade qual a categoria em que disciplinarmente se pode situar.

Livre de toda a coacção, manifestando com clareza as suas intenções, pois que desaparecendo o receio de ser vigiado ostensivamente, o aluno se conduz com liberdade e portanto exactamente como a sua consciência lhe determina, pode-se apreciar e classificar sem receio de laborar em erro, quais as possibilidades que nos oferece, quer no capítulo de disciplina propriamente dita, quer ainda as condições gerais para o desempenho desta ou daquela função, dentro da comunidade ou fora dela. O facto de em 1 de Maio de 1947 ter desaparecido do quadro do Pessoal o lugar de Prefeito, podia ter criado dificuldades a muitos. No nosso caso serviu-nos esplendidamente para pôr em prática o velho sonho de há muito.

Rapazes a serem conduzidos por rapazes!

Como se pôs em movimento esta complicada engrenagem?

Em primeiro lugar um chefe geral. Um rapaz com predicados para o desempenho destas funções é difícil encontrar. Mas quem algumas vez teve ocasião de observar simples brincadeiras de grupos de garotos (Quem não se lembra do seu tempo de estudante?) forçosamente notou: haver sempre um condutor; que, mesmo sem se aperceberem disso, os outros lhe obedecem; que dirige o jogo ou brincadeira; que é escutado com mais agrado; que, numa palavra, toma a seu cargo, sem necessidade de eleição por escrutínio secreto, a direcção dos rapazes que com ele convivem. Umas vezes é o aspecto físico que lhe impõe esse respeito; outras os seus dotes oratórios, o carácter enérgico, a habilidade manual ou a propensão para o mando, que nalguns se manifesta cedo, casos também em que a condição social tem capital influência.

Em nossa Casa, onde vivem actualmente 69 rapazes, teríamos por força que encontrar o que desejávamos. Foi-nos fácil ver qual aquele que impunha com firmeza a sua autoridade, que se mostrava atencioso e delicado, que sabia captar as simpatias sem adular, que mantinha uma linha de conduta uniforme, perto ou longe das vistas dos superiores.

Dir-nos-ão que este foi um caso esporádico e que não tereamos facilidade em arranjar outro, quando, atingidos os 18 anos da ordem, se for embora.

Responderei que esta é uma fábrica com enormes possibilidades e que dezenas deles, temperados no ambiente que presentemente gozam, se estão formando.

Porque o sistema inclui, além do chefe geral, os chefes de grupo, grupos esses que são pequenas células compostas por 8 rapazes agrupados por idades, profissões, classes de estudo e até dentro das suas amizades particulares e pessoais. Destes chefes de grupo sairão amanhã os chefes gerais. Qual o escolhido? Eles próprios se encarregarão de emitir a sua opinião e fazer a escolha.

Que resultados práticos se tiraram deste sistema?

Abstraindo a questão económica (menos 7.200\$00 pagos a um Perfeito), cria-se um melhor entendimento entre o rapaz e o seu superior, estabelece-se uma melhoria na disposição moral da criança que se sente livre da vigilância apertada de um fiscal, que, qual inquisidor, mal a deixa respirar. A saúde ressent-se desse facto. O rapaz cria personalidade e começa instintivamente a tomar a responsabilidade pelos seus actos.

Claro que um dos sustentáculos do prestígio do chefe advém-lhe da força que lhe damos — força moral, entenda-se.

E o certo é que muitas vezes, os problemas são resolvidos por eles próprios muito mais satisfatoriamente do que com a nossa intervenção.»

Do livro *Doutrina*, 1.º vol.

Continua no próximo número

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

O Senhor ouve os gemidos das viúvas — diz o Livro Sagrado.

Sinto-me a responder a esses soluços, todos os dias. São dores e incertezas profundas que não as deixam dormir nem descansar.

— *Que fazer da minha vida e dos meus filhos?* — Interrogações certas e pertinentes que lhes tiram a paz e enchem de angústia.

Algumas entram em depressão, de tal modo profunda, que eu temo o suicídio.

Quando falo de viúvas, não me refiro na generalidade àquelas mulheres a quem morreu o marido; mas, muito mais às vítimas do abandono, daqueles homens que fugindo à responsabilidade, atraídos por outras mulheres mais fáceis, livres, e, no momento, mais agradáveis, deixam a sua casa e a sua família para viverem dissolutamente.

Sobre mães recai toda a paternidade dos filhos, sem que lhes seja possível exigirem, por advogados, para tribunal, que os progenitores sejam obrigados a colaborar ao menos no sustento dos menores. É que aquilo que é legal, não é possível para os mais pobres e ignorantes. Eles não sabem, não podem e às vezes têm medo de represálias. São obrigados a aguentar por não terem mais nenhuma saída, se não resistir, gemendo.

Eu também não tenho alternativa senão ajudar. Assim, no dia 21 de Outubro dei, para as rendas de casa: 750€ + 500€ + 700€ + 975€. E no dia 23: 900€ + 825€ + 700€ + 1125€ + 1200€ + 600€ + 750€ + 840€ + 750€ + 500€ + 500€ + 500€.

As rendas de casa são um sufoco para quem não tem trabalho e vive rodeada de filhos. Que fazer?!... Os serviços oficiais demitem-se com a desculpa de que não há verba.

Na noite do último Domingo bateram à porta do meu escritório e, julgando ser algum rapaz, respondi: — Entre.

Não era ninguém da casa. Uma figura feminina, alta e aparente-

mente forte, de cabelo louro, farto e maltratado entra com um recém-nascido nos braços.

— *Senhor Padre vinha-lhe mostrar o meu menino e pedir ajuda. É que estive muito doente, internada no hospital, onde fiz cesariana, já não tinha forças nem saúde para dar à luz.*

A senhora enrolava o cabelo com a mão esquerda por detrás da nuca e fitava-me de olheiras muito fundas e negras, olhos sem brilho e rosto macilento.

— Oh, mulher, você está muito doente!...

— *Pois estou. Tenho uma grande anemia. Não posso alimentar o bebé e procuro alimento para ele.*

Levanta-me a criança para eu a ver e chora.

Ficamos mudos durante algum tempo, cortando eu o silêncio:

— Então o seu marido?

— *Já lhe contei que ele me deixou. Foi-se com uma brasileira e nunca mais quis saber de nós. Olhe que tenho cinco filhos. Precisava tanto de um fogãozinho. Vinha também por causa dos livros e material escolar que lhe pedi, para os dois que andam na escola.*

Não sei como me atrevi a dizer-lhe que ela precisava muito de comer carne, peixe, feijão e hortaliças. Mas... Comer?... Como?... Onde é que ela tem posses para uma alimentação reequilibrante?!... A gente tem muita conversa!... É tão fácil dar conselhos...

Ainda não voltei à sua casa, mas logo que possível ponho-me a caminho e levo-lhe um fogão novo — se ela ainda for viva!

Li, a semana passada, num diário de Lisboa que 399 pessoas portuguesas, receberam, este ano, até Outubro, de reforma, seis milhões e duzentos mil euros. Será verdade? Eu nem quero acreditar. Mas não vi nenhum desmentido. Esta gente que é assim beneficiada, normalmente, vive muito bem e nem precisava de reformas para nada. Se pusermos diante dos olhos da nossa

consciência, uma situação tão miserável como a descrita, perante tanta pobreza, isto, é uma **iniquidade** e, desmente por si só, a afirmação de que vivemos num Estado Social.

Habitamos sim, num regime que perdeu, na prática, toda a consciência humana e permite que os mais fortes e poderosos, chupem os mais pequeninos até à medula dos ossos! Um sistema montado em todo o Mundo mas, agora entre nós mais agressivo!... Um Estado Laico que põe Deus de lado e adora o dinheiro como única fonte de equilíbrio, não pode fazer outra coisa, se não encarrapar-se de social para facilitar os seus objectivos: que os ricos sejam cada vez mais ricos. **Uma iniquidade!**

Quem fez a crise? Foram os pequenos? O dinheiro não voou para a lua; para onde foi ele? Não deviam de ser os causadores de tanta desgraça, os primeiros a serem penalizados?... Como podem ser os mais pequenos, a sofrer na carne, os piores sacrifícios?

Deus não dorme. A história conta que as iniquidades, sempre se pagaram caro. □

Benguela

Continuação da página 1

dum fundo social que nos permitisse dar passos em frente, nesta direcção. Há momentos, à hora da refeição, chegaram três pessoas com um recado, vindo do estrangeiro. Querem ajudar-nos em alguma coisa. Não nos conheciam. Viram as mesas cheias dos filhos. Perguntam: Recebem ajudas de quem? Onde? Somente dos que abrem o seu coração e nos estendem as suas mãos. É do Povo de Portugal, sobretudo. Foi a nossa resposta. Deixaram o que traziam e prometeram voltar. Oferecemo-vos estes pedaços da nossa vida. □

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

FOI um pouco incrédulo que me deslocuei a casa daquela mulher de que falei há semanas atrás, que ajudáramos a saldar uma dívida bancária, resultante de um empréstimo que contraíra com sua família para melhorar a casa que habitam. O pároco atestara que necessitavam de ajuda, e como havia urgência em resolver a situação, ajudámos sem ver com os nossos olhos.

Além dessa dívida tinha uma outra na mercearia. Esta ficou a aguardar, até hoje, quando foi possível ir ver e conhecer no local a situação.

É um casal com quatro filhos: três rapazes e uma menina. A vida foi correndo sem sobressaltos até que dois dos filhos se tornaram consumidores de droga. Com esta, entrou-lhes em casa também a desarmonia e o descontrolo na economia do lar.

O empréstimo contraído fora destinado a fazer alguns aumentos na casa e a fazer o telhado, visto que a sua inexistência deixava livre a entrada à água da chuva que recolhiam em baldes e bacias. O consumo de droga pelos filhos, com os males que daí advieram, tirou-lhes a capacidade de cumprirem o compromisso bancário que assumiram.

O telhado lá está, bem como os suportes que aguardam a colocação das caleiras para a água da chuva. Decerto não mais pensaram nelas pois outras urgências se impuseram.

A porta de entrada está sem vidro. Um familiar deu-lhes uma usada, recentemente, mas é uma cortina que tapa o buraco destinado ao vidro, a qual não os protege da entrada franca do frio que já se faz sentir.

As divisões interiores, que tinham feito, pararam no tijolo. Não mais puderam pensar em as acabar. Os filhos, rapazes, têm seus quartos inacabados, e o casal e a menina ficam noutros com pouco melhores condições.

Uma casa de banho, pobre como os restantes espaços, serve a todos.

Os tratamentos que os dois filhos têm feito, não têm alterado os seus hábitos. O outro filho, que já teve trabalho na construção civil, está agora desempregado. A menina estava na Escola quando lá fomos. Não sabe a mãe por quanto tempo, pois já recebeu a ameaça de organismo oficial de que lha irão retirar. O marido, embora muito limitado por um acidente de trabalho, tinha ido trabalhar.

É esta a pobre vida desta mãe, esposa e dona de casa. Uns filhos desiludem-na; outro é forçado à inatividade; a filha, irão tirar-lha; o marido está parcialmente incapacitado para ganhar o pão. Resta ela para procurar alguma ajuda e para carregar todas estas injustiças de uma sociedade que se constitui para ajudar os seus membros e não para lhes dificultar a vida. Neste século de tantos avanços técnicos e humanos continua a faltar o essencial, e o homem vive sem perceber o sentido da sua vida.

Tantos desistem da vida ou dos seus compromissos por muito menos. Esta mãe resiste porque continua a pensar e a acreditar que a ajuda mútua é sempre possível: «Quando precisar, eu posso ir fazer algum trabalho na Casa do Gaiato!»; é a gratidão a falar.

Deixei-a esperando que com a nossa passagem se torne mais leve a sua vida, e que se a justiça ainda não

se cumpre por agora, cumprir-se-á um dia. Dando a mão confirma-se esta verdade no nosso íntimo.

* * *

S. Paulo tratava os cristãos de santos. Não se tratava de canonizações *a priori*, mas de uma condição que marca a vida dos mesmos, porque já trazem em si o fruto da redenção realizada por Jesus Cristo.

Como todos os frutos, também estes estão sujeitos ao tempo e às intempéries que os ajudam a chegar à boa e plena maturação ou à decadência e apodrecimento. É em vasos de barro que levamos este fruto, por isso todo o cuidado é pouco para preservar dom tão precioso.

Ao contrário do que tais palavras poderiam fazer julgar, não é escondendo este fruto mas expondo-o que se poderá fazê-lo crescer e amadurecer. Aliás, o mesmo se passa com todo o fruto em desenvolvimento natural. Espiritual que é aquele, carece de um ambiente natural, terra a terra, pois o Espiritual desceu à terra para elevar ao Céu o que é natural.

Este intercâmbio realiza-se na vida de cada ser humano. Aumentando-o ao limite, chega-se à simbiose entre ambos em que já não é possível distinguir um do outro, saber onde começa o natural e acaba o espiritual. São um só em cada homem ou mulher, tornando-se fruto maduro amadurecido na Árvore da vida.

Escrevo estas linhas pensando na vida do nosso Júlio Mendes. Todas as facetas e recantos da sua vida espelham ao meu olhar as virtudes que se desenvolvem no homem que se deixa amar e apaixonar pelo encanto que é Deus. Encanto que se reflecte em Seu Filho Jesus Cristo, por quem se apaixonam todos aqueles que são da Verdade.

Pai Américo acreditou na Verdade. Por isso deixou tudo o que não o era, e tão profundamente penetrou nela o seu espírito que a via e transmitia de onde os outros desviavam o olhar, encantados com a mentira.

Viu-a primeiro, sem disso ter perfeita consciência, nos Pobres que passavam à porta da casa de sua mãe, a quem pedia pão para lhes levar. Depois, anos mais tarde, começou a percebê-la cada vez melhor nos doentes sofrendores que encontrava em muitos lugares, nos presos com quem rezava em suas cadeias, no catraio das ruas urdindo seus planos de sobrevivência... E se tornou nele a Verdade, em fome e sede de justiça.

Assim começou a sementeira; e o colher dos frutos porque, como dizia, quem semeia colhe. E transformaram-se vidas aos milhares...

Foi nesta escola que aprendeu o nosso Júlio Mendes. O discípulo não é maior do que o mestre, basta ao discípulo tornar-se como o seu mestre, parafraseando o Senhor. Aqui o discípulo foi digno do seu mestre. Como viu fazer, fez também.

O estado de vida não é impedimento para que o fruto de vida que trazemos em nós amadureça, pois em todo o lugar há frutos a nascer, a crescer e a tornarem-se maduros.

Bendita a Árvore, bendito o homem que faz em sua vida desabrochar tanta riqueza que se torna fruto que alimenta tantos Pobres de amor, de pão e de Fé, até que a Vida se manifeste em plenitude. □

Terceiro volume do livro «O CALVÁRIO»

Quando esta edição chegar aos Leitores, estará à sua disposição o terceiro volume do livro O CALVÁRIO. É mais um fruto delicioso resultante da vida do nosso Padre Baptista.

As suas crónicas n'O GAIATO transmutadas em livro e ordenadas com sabedoria, fazem nascer na alma renovado ardor pela vida dos Pobres e de compaixão pelos ricos deste mundo.

«Final, o paraíso está dentro de nós...», diz-nos na página 182, uma paráfrase do que o Mestre disse há 2000 anos e que vigora pelos tempos sem fim.

Sem preocupações pelo seu custo material, mas levados pela preocupação dos que o queiram encomendar, evitamos-lhes transtornos dizendo que 10 euros chegam para o fazermos chegar às vossas mãos.

Reflectindo

A parábola do «fariseu e do publicano» que constitui o Evangelho de hoje (Dom. XXX – Ano C), chama-nos a atenção para a profunda diferença entre os juízos de Deus e os dos homens, logo anunciada na primeira leitura do Livro de Ben Sira: «O Senhor não faz acepção de pessoas». Ele olha-nos de dentro para fora e estabelece connosco uma relação dinâmica, pois que, chamando-nos à vida, nos abre caminho para a Vida — um crescer constante, que o é, embora o não percebamos instante a instante. Por isso, termina a parábola afirmando uma consequência: «O publicano saiu justificado para sua casa e o outro não».

Na verdade nada na parábola nos permite supor que o discurso do fariseu seja falso. Só que o apresenta em forma de currículo, não de oração. Ele julga-se perfeito; concretiza mesmo o seu juízo na comparação com outros homens; nada tem a pedir e, por isso, saiu como entrou, sem nada receber. É nisto que ele falta à verdade: não se conhece, não descobre em si erros e tendências que o incapacitam para fazer o bem exclusivamente por si mesmo; não conta com a Graça que há-de «preceder-nos e acompanhar-nos e tornar-nos cada vez mais atentos à prática das boas obras», para que se dê o crescimento incessante que nos aproxima de Deus e é essencial ao Seu plano. É este esforço de auto-conhecimento que nos coloca na verdade do que somos — a Humildade, na definição de Santa Teresa, fundada neste reconhecimento. É este esforço que nos aproxima de Deus na medida em que vamos dando conta de erros e tendências e lhes procuramos remédio. É assim que vamos crescendo n'Ele até à medida por Ele marcada a cada um, mas com a ambição de Paulo: «Já não sou eu que vivo; é Cristo que vive em mim». A prece que nos ajuda a tal objectivo é, e só, a da espécie do publicano: «Meu Deus, tem compaixão de mim que sou pecador». Esta é «a oração do humilde que atravessa as nuvens e não descansa enquanto não chega ao seu destino». Porém, feita sem tropeço nas faltas que persistem — que a grande eficácia do remédio vem da Misericórdia de Deus. A sinceridade, a verdade é o melhor da nossa participação. Só assim entendemos palavras e posturas de Jesus, segundo o Evangelho; com o sabermos que «os pensamentos de Deus estão acima dos dos homens tanto quanto o céu da terra»; e que só Ele justifica e «estabelece o direito dos justos».

Quanto esta palavra não há-de ter impressionado Pai Américo, para nos deixar como condição essencial de qualquer acção salvífica: «Sem Humildade, nada!»

* * *

Estava eu mergulhado nesta reflexão quando o Américo me deu a notícia da morte do pai. Nenhuma surpresa e a surpresa de sempre!

Esta manhã, ao preparar uma saída de duas semanas, tinha pensado: — E se o Senhor vem buscá-lo nestes dias?...

Não lhe fazia falta nenhuma, mas deixava-me ele a pena de não o ter olhado uma última vez, sabendo, embora, e esperando, que não tardará muito que nos estejamos olhando sempre.

A morte do Júlio Mendes tem também sabor de morte na Obra que ele serviu apaixonadamente a vida toda. Que seja igualmente penhor de ressurreição.

Padre Carlos

CANTINHO DOS RAPAZES

Padre Telmo

TENHO pena dos jovens. Uma grande parte não encontra um rumo — um sentido de vida. Vão por ruas empedradas, que não alimentam raízes. Bares e discotecas — também não. Acabam por se juntar — ele e ela — sem a sinceridade de um sim — nem a bênção de Deus. Troncos cortados sem raízes, nem folhas, nem frutos.

São Paulo, na sua Carta aos Colossenses, diz-nos que o jovem «é como uma árvore em crescimento: para se desenvolver bem, precisa de raízes profundas que, em caso de tempestade, o tenham bem plantado ao solo».

É igualmente bela a imagem Bíblica das árvores plantadas à beira das águas; darão sempre flores e frutos.

Acontece, entre nós, que o rio da fé e da vida cristã estiola e tantas vezes morre — depois da primeira Comunhão.

As árvores sem folhas ficam apontando um céu que não é azul.

* * *

«Eis-me aqui!» As palavras mais grandiosas, carregadas de majestade e beleza, em toda a história humana.

Depois de Moisés e Maria, os milhões que disseram ao Senhor: «Eis-me aqui!»... e, passo a passo, seguiram o caminho do «sim», até à loucura — até à própria morte.

«Samuel, Samuel». «Eis-me aqui, Senhor!»

Se um dia no silêncio de uma igreja, no ruído duma multidão ou no silêncio do teu quarto — Ele te chamar — não pases nem hesites — diz «sim».

* * *

Morreu o Júlio Mendes... Sua vida — ele todo — foram um «sim» total ao Senhor, à Obra, aos outros. Doação radical de todos os seus passos!

Não arredou pé da margem fértil do rio do Senhor. Suas raízes aprofundaram. Vieram as flores e os frutos: Uma família querida e feliz. Um exemplo único e maravilhoso para todos nós! □

